

Marginais invadem a creche Sonho de Criança, em Planaltina, saqueiam e queimam tudo o que podem

SÓ RESTARAM CINZAS

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

O sonho de uma ex-babá virou cinza. Cinza e fumaça. Mais: o futuro de 60 crianças pode ficar incerto. Agora, só a sorte e a boa vontade alheias. A creche Sonho de Criança, em Planaltina, foi destruída, saqueada e queimada. Nada ficou. Restaram destroços e o cheiro de fogo impregnado nas paredes pretas.

Divina Maria Freitas dos Anjos, de 40 anos, casada, dois filhos, um dia sonhou que podia fazer alguma coisa por crianças carentes. Babá, aprendeu a cuidar desde cedo dos filhos alheios. Evangélica, dedicava sua vida a ajudar o próximo.

Há seis anos, juntou-se com mais 12 mães carentes da redondeza onde mora em Planaltina e teve uma grande idéia. Arranjaria um lugar onde elas pudessem deixar seus filhos e fossem trabalhar. Do sonho à realização.

Divina deixou o emprego, arregaçou a manga da blusa e foi à luta. De um barracão simples no fundo de um terreno, nascia a primeira tentativa de creche. Vieram as crianças. Primeiro dez, depois 20, 30, 40. Chegaram 60. Era a capacidade que o lugar modesto comportava.

Um barracão, 60 crianças — de 1 a 6 anos de idade —, muitos sonhos, inúmeras dificuldades, nenhum centavo no bolso. Era assim a realidade da creche *Sonho de Criança*. Na verdade, ali dentro só havia mesmo sonho. E um desejo extraordinário de fazer.

Vieram as oito tias voluntárias. Gente que foi cuidar das crianças sem ganhar um tostão por isso. Depois, os pedidos de ajuda à comunidade. Divina e os voluntários batiam de porta em porta pedindo comida. Debaixo de sol e chuva, peregrinavam por supermercados, lojas, açougues. Sequer havia carro para carregar os mantimentos.

Daqui, dali, vinham o macarrão, o feijão, o tomate. Cada doação era sinal de esperança. Um dia, como se fosse um milagre, uma representante do Comitê da Cidadania contra a Fome e a Miséria — ligado a uma organização não-governamental (ONG) — foi a Planaltina.

FOGO E DESTRUIÇÃO

Lá, conheceu o barracão de Divina e suas crianças. Uma verdadeira história de resistência. O Comitê — formado por funcionários da agência Central do Banco do Brasil — adotou a creche. Primeiro compraram o terreno. Depois, construíram o espaço onde as 60 crianças iriam permanecer. Veio até o parquinho.

Pintada de azul e branco, com palhacinhos pendurados pelas paredes, a creche *Sonho de Criança*, finalmente, deixava de ser apenas a boa intenção de uma ex-babá. Era real. Seria inaugurada no final deste mês. Tudo estava sendo cuidadosamente preparado. Só faltavam alguns papéis. As crianças não viam a hora de irem para “a casa de verdade”.

Na madrugada do último dia 27, o pesadelo. Marginais arrombaram a creche e destruíram tudo. Roubaram o que puderam. Louças, máquinas de escrever, roupas de cama, banho. O que não puderam levar, destruíram. Pior: incendiaram. Quebraram eletrodomésticos. Até

Jorge Cardoso



Sessenta crianças, entre 1 e 6 anos, estão sem lugar para ficar depois que marginais arrombaram a creche, roubaram o que puderam e incendiaram o que ficou

os ovos — mais de cinco dúzias — foram jogados um a um na parede. Nem os colchões sobraram. Só restaram cinzas.

Há dez dias, a polícia de Planaltina investiga o paradeiro dos marginais. Não há pistas. Enquanto isso, 60 crianças estão sem destino. O emprego da mães ficou comprometido. Patroas não aceitam empregadas com filhos. Ou um ou outro. Mães choram. Perderam talvez a única chance de não verem seus filhos jogados à própria sorte.

Divina desespera-se: “É como se o sonho tivesse acabado. Aqui tinha vida. Foi difícil chegar aqui. A gente vendia canjica, pamonha, batia na porta das pessoas. Agora...” Mesmo com o incêndio que destruiu toda a creche, Divina ainda atende a 11

crianças que não têm onde ficar. Sem ter onde colocá-las, alojou-as num quarto dos fundos.

“Lá está tudo queimado”, conta Thiago, de 4 anos. Filho de uma diarista e um açougueiro, depois do incêndio, a mãe não conseguiu outro lugar para deixar o menino.

ALFABETIZAÇÃO

Thiago gosta da creche. Do pouco que conheceu daquele lugar azul e branco e cheio de palhacinhos pendurados na parede. “Eu quero estudar aqui”, repete ele. Karol, também de 4 anos, sabe tudo na ponta da língua: “Foi o ladrão que queimou”. O parquinho era seu lugar preferido na creche. “Quando ela chegava aqui, só falava nele”, entrega a costureira e voluntária da creche, Go-

reth da Silva, de 47 anos.

Desolada, Goreth olha para o que restou e comenta: “É todo um sonho jogado fora. Essas crianças precisam daqui”. Marleide Ferreira de Souza, de 26 anos, sabe como ninguém como aquele lugar era importante para as crianças.

Mãe de três filhos, Marleide estava com dois na creche — Charles, de 4 anos, e Chairlan, 2. A filha mais velha, Sheila, de 6 anos, foi do *Sonho de Criança* no tempo em que a creche era só um barracão. “Ela aprendeu tudo aqui. Saiu alfabetizada. Se não fosse essa oportunidade, meu nem sei como seria minha vida. Foi uma bênção pra todas nós” agradece a mãe.

Divina ouve os elogios e se emociona. Chora mais uma vez e se resigna:

“Nós vamos conseguir de novo. Quem consegue uma vez, não deve desistir. Vou bater de porta em porta e pedir igualzinho fiz antes. O futuro dessas crianças vale mais do que qualquer coisa.”

Thiago e Karol ouvem e sorriem. Eles confiam na tia Divina. Karol quer voltar para o parquinho. Thiago deseja “estudar”. Ele não sabe exatamente o que isso significa, mas uma coisa é certa. Aquele lugar bonito, todo em azul e branco — antes da destruição — encheu seus olhos.

SERVIÇO

Qualquer ajuda pode ser feita por meio da conta 60777-0, Agência 32646, Banco do Brasil. Maiores informações com Divina pelo telefone 389-9246